



Data: 08.09.2020

Titulo: Peritos acreditam que ainda e possível evitar segunda onda

Pub:



QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3

Área: 1343cm² / 51%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6936687

Regresso às aulas **AFASTEM OS ALUNOS**

Especialista defende que só a redução de contactos nas escolas a um terço pode evitar com segurança uma segunda onda, que pode ser tão grande como a primeira
“Redução de contactos entre alunos só seria possível com o triplo de professores”, diz Filinto Lima
Contactos familiares responsáveis por quase 50% dos novos casos
Dos 3900 detetados entre 17 e 30 de agosto, 64% tinham menos de 50 anos // PÁGS. 2-5



Data: 08.09.2020

Titulo: Peritos acreditam que ainda e possível evitar segunda onda

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



Modelo desenvolvido pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa aponta para subida mais acentuada das hospitalizações em novembro

MAPALDA GOMES



Peritos acreditam que ainda é possível evitar segunda onda

Modelo matemático desenvolvido pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa sugere que reduzir contactos entre jovens a um terço é a única forma de evitar com segurança uma segunda onda, isto se os contactos na sociedade se mantiverem reduzidos a metade nos próximos meses. Diretores avisam que isso não será possível com ensino presencial.

MARTA F. REIS
marta.reis@ionline.pt

“A segunda onda não é uma fatalidade”. O repto foi deixado esta segunda-feira pelo epidemiologista Manuel Carmo Gomes na retoma das reuniões entre peritos e decisores políticos, desta vez, não no Infarmed, mas no auditório da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. E agora com as exposições dos especialistas, até aqui à porta fechada, transmitidas online. Na parte dedicada ao regresso às aulas, Carmo Gomes apresentou pela primeira vez o modelo matemático desenvolvido pela equipa da FCUL para o Governo para a evolução da epidemia nos próximos meses. O modelo nacional, que se junta assim às projecções feitas por outros grupos de investigação, teve em con-

ta a matriz dos contactos habituais nas diferentes faixas etárias e foi afinado para ver se reproduzia o que se passou no país nos últimos meses, quer em termos de hospitalizações por covid-19, quer nas infeções reais da população, que o inquérito serológico nacional revelou em julho que foram, na realidade, seis vezes superiores às infeções diagnosticadas. A conclusão é que a reabertura das escolas já na próxima semana, com o regresso de 1,2 milhões de alunos às aulas, torna “provável” uma segunda onda de infeções, com as hospitalizações a superarem mesmo o que aconteceu nos primeiros meses da pandemia. Esse cenário só se verifica, no entanto, se as escolas forem reabertas mantendo o mesmo nível de contactos entre crianças, jovens e funcionários que

Área: 1343cm² / 51%

FOTO Titragem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 6936687



existia antes da pandemia. A novidade do modelo é sugerir que se houver uma redução dos contactos, a projeção de hospitalizações diminui, e se os contactos forem reduzidos a um terço nas escolas, a segunda onda pode mesmo ser evitada, acredita a equipa de Manuel Carmo Gomes, que considerou que este seria um caminho "exigente", mas "possível".

ENSINO MISTO DEVE SER EQUACIONADO A uma semana do início do ano letivo, Manuel Carmo Gomes deixou algumas indicações práticas, como maximizar os espaços ocupados pelos alunos, evitar que haja mais do que uma turma a ocupar a mesma sala e garantir o arejamento das salas – por exemplo, numa aula de hora e meia fazer uma pausa de cinco minutos para arejar a sala –, mas também o descumprimento de horários, defendendo, no entanto, que apesar de o objetivo ser o ensino presencial, o ensino misto (presencial e à distância) deve ser considerado. E deixou outra ressalva: "Se o relaxamento dos contactos na sociedade prosseguir após a abertura das escolas, temos segunda onda mesmo que os contactos entre os jovens diminuam. Não bastaria que alterássemos radicalmente o comportamento dos jovens. Requer que a sociedade mantenha comportamentos muito exigentes", defendeu, sublinhando que será necessário reduzir contactos de proximidade, manter o distanciamento físico e evitar grupos de não coabitantes. Para Filinto Lima, presidente da Associação

Nacional de Diretores de Agrupamentos de Escolas, a redução de contactos a um terço não será possível com o regresso das aulas em ensino presencial, e aponta várias dificuldades. "O número de professores tinha de ser o triplo e isso é impossível", afirma ao *i*.

Nas projeções do modelo desenvolvido pela FCUL, os investigadores partem do pressuposto de que, atualmente, os portugueses têm os seus contactos reduzidos a metade do que era habitual antes da pandemia. Se as escolas abrirem com os contactos dos alunos em níveis idênticos ao que existiam antes da covid-19, o modelo projeta uma subida das hospitalizações que se acentua a partir de novembro. Não foram apresentados números absolutos nem para as hospitalizações nem para o total de infeções.

Na parte da sessão dedicada ao regresso às aulas, Carla Nunes,

investigadora da Escola Nacional de Saúde Pública, apresentou um balanço do que está a acontecer nos diferentes países, sublinhando que existe uma grande heterogeneidade nos planos de contingência definidos a nível europeu. Nos países nórdicos, por exemplo, não é obrigatório o uso de máscara. Já França optou por encerrar temporariamente escolas que apresentem três casos de covid-19. Em Portugal, a posição da Direção-Geral da Saúde é que as escolas só deverão ser encerradas em casos extremos. A especialista sublinhou que o risco existirá não só nas escolas, mas pelo contexto de convívio entre as crianças e também dos pais, e admitiu que escolas que estejam em contextos com uma incidência mais elevada de casos poderão ter regras mais apertadas do que escolas em contextos de baixa incidência. Até aqui, o Governo não apontou para uma abertura faseada das escolas, o que foi seguido em alguns países. Por exemplo, no Uruguai abriram primeiro as escolas de meios rurais. Na Alemanha e nos EUA foi adiada a reabertura das escolas nas comunidades com maior incidência. Já o Canadá optou por organizar o ensino em grupos em espelho, com aulas presenciais e à distância. Dos 134 países que fecharam as escolas por causa da covid-19, 105 já as abriram ou irão abri-las muito em breve, indicou também Carla Nunes, chamando ainda a atenção para que será difícil isolar o efeito da reabertura das escolas na evolução da pandemia.

Epidemiologista defende que ensino misto, presencial e à distância, deve ser considerado

Especialistas alertaram para o risco de contágio em momentos de convívio

Europa

Um regresso às aulas atribulado

FRANÇA

As aulas começaram a 1 de setembro. Até aqui, de acordo com a recolha feita pela Escola Nacional de Saúde Pública, fecharam 22 escolas em 60 mil. Foram mandadas para casa 100 turmas e há 250 casos sob investigação. França adotou medidas mais restritivas e todas as escolas com mais de três casos positivos são encerradas temporariamente.

ALEMANHA (BERLIM)

As aulas presenciais recomeçaram dia 7 de agosto. Em Berlim já fecharam 41 de 625 escolas. Na Alemanha, tal como em Portugal e nos países nórdicos, o objetivo é manter as escolas abertas e mandar turmas para casa se for necessário.

DINAMARCA (ODENSE)

Em Odense, na Dinamarca, um surto num programa de formação de professores numa universidade local, com 35 casos confirmados, levou as autoridades a mandar para casa 1072 estudantes.

AUSTRÁLIA (SYDNEY)

As escolas reabriram em abril. No fim de julho e em agosto foram fechadas temporariamente 17 escolas.

ITÁLIA

As aulas começaram esta segunda-feira. Os professores podem fazer testes gratuitamente e grupos de alunos selecionados serão testados periodicamente para acompanhar a evolução da pandemia.



Filinto Lima
Presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos de Escolas Públicas

"Se o ensino for presencial, não é possível reduzir o contacto a 1/3"



E possível reduzir o contacto entre os alunos para um terço? Se o ensino for presencial, não é possível reduzir o contacto a um terço. Não é praticável nem numa escola pública, nem numa escola privada. A não ser que tivéssemos um ensino à distância ou um ensino misto nas escolas.

Quais são as maiores dificuldades? O número de professores tinha de ser o triplo, e isso é impossível. O número de salas tinha de ser três vezes mais, o que também é impossível. As escolas estão sobrelotadas e não há assim tantos professores. Pelo contrário, até nos temos queixado frequentemente da falta de professores.

As escolas estão preparadas para o ensino misto? Neste momento, todas as escolas têm um plano de ensino misto e não presencial. Agora, por opção do Governo, vamos começar a pôr em prática o plano de ensino presencial. Neste caso, só acontece uma mudança quando a autoridade de saúde local propuser à DGEstE (Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares) regional a passagem para regime misto. Vamos começar com o regime presencial e depois, essa mudança, se for necessária, carece de um parecer da autoridade de saúde local que tem de ser validado pela DGEstE regional. A avaliação é feita caso a caso, escola a escola.
R. P. C.

Área: 1343cm² / 51%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6936687